

“Embrionários”, colagem manual produzida com recortes de enciclopédia, 80 × 110 cm, 2024, Michel Zózimo. Foto: Viva Foto



EXPOSIÇÃO

MICHEL ZÓZIMO DIANTE DE UMA NOVA MEMÓRIA DO MUNDO

MÔNICA ZIELINSKY - ABCA/RIO GRANDE DO SUL

RESUMO: Michel Zózimo, um artista originário do interior do Rio Grande do Sul, projeta-se, de modo marcadamente sensível, através de sua obra, como um contraponto a um mundo profundamente instável e repleto de crises que atingem catastróficamente numerosas áreas da vida humana. Por uma criação centrada na vivacidade da ficção, o artista leva-nos a possibilidades de revermos nossas próprias relações com o mundo através da arte, e, por esta, traz a imaginação como um vigoroso enfrentamento diante da distopia presente e da falência dos imaginários extenuados da vida contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Michel Zózimo; Distopia; Arte e ficção; Imaginação; Ecologia

ABSTRACT: Michel Zózimo, an artist from the countryside of Rio Grande do Sul, expresses himself with remarkable sensitivity, offering a counterpoint to a world deeply unstable and plagued by crises that catastrophically affect various areas of human life. Through a creation centered on the liveliness of fiction, his work invites us to reassess our own relationships with the world by engaging with art. In doing so, he brings imagination to the forefront as a powerful response to present-day dystopia and the collapse of contemporary life's exhausted imaginaries.

KEYWORDS: Michel Zózimo; Dystopia; Art and Fiction; Imagination; Ecology

Em um entardecer chuvoso de inverno, o Instituto Ling abre suas portas à comunidade, para oferecer-lhe uma bela publicação, o Livro Verde. Esmeradamente elaborado, ele acompanha a fecunda exposição situada em espaços do Instituto, nutrida por instigantes desenhos criados pelo artista Michel Zózimo. Este catálogo oferece novos caminhos voltados à ampliação pública da produção do artista, tanto através do poético texto lavrado por Gabriela Motta, como por algumas ponderações com o público sobre a obra exposta nos dias atuais, como nesta sequência.

Em palavras da filósofa e psicanalista Suely Rolnik, proferidas por ocasião de uma entrevista recente, ela nos lembra, com muita ênfase, que o momento atual é o de uma distopia extrema e vem a ser fundamental estarmos ao par do que está acontecendo.

Ela tem razão nesta constatação, uma vez que o horizonte do mundo e que permeou a cultura dos últimos séculos era marcado pela crença no futuro, em contornos que pareciam exitosos, mesmo construídos entre seus dramas de sofrimento, miséria, crises e lutos inconcebíveis. Entretanto, essa atmosfera de fé no porvir se fraturou, levando consigo as utopias da esperança, as eternas promessas de expansão e crescimento. Ao contrário, alastrou-se um desastre civilizacional e uma inegável angústia e pânico generalizados.

Passamos a viver abalos irreversíveis, diante do colapso iminente das modificações ambientais e ecológicas, a humanidade ameaçada e seu desaparecimento anunciado, assim como a explosão de guerras, do ódio e da violência.

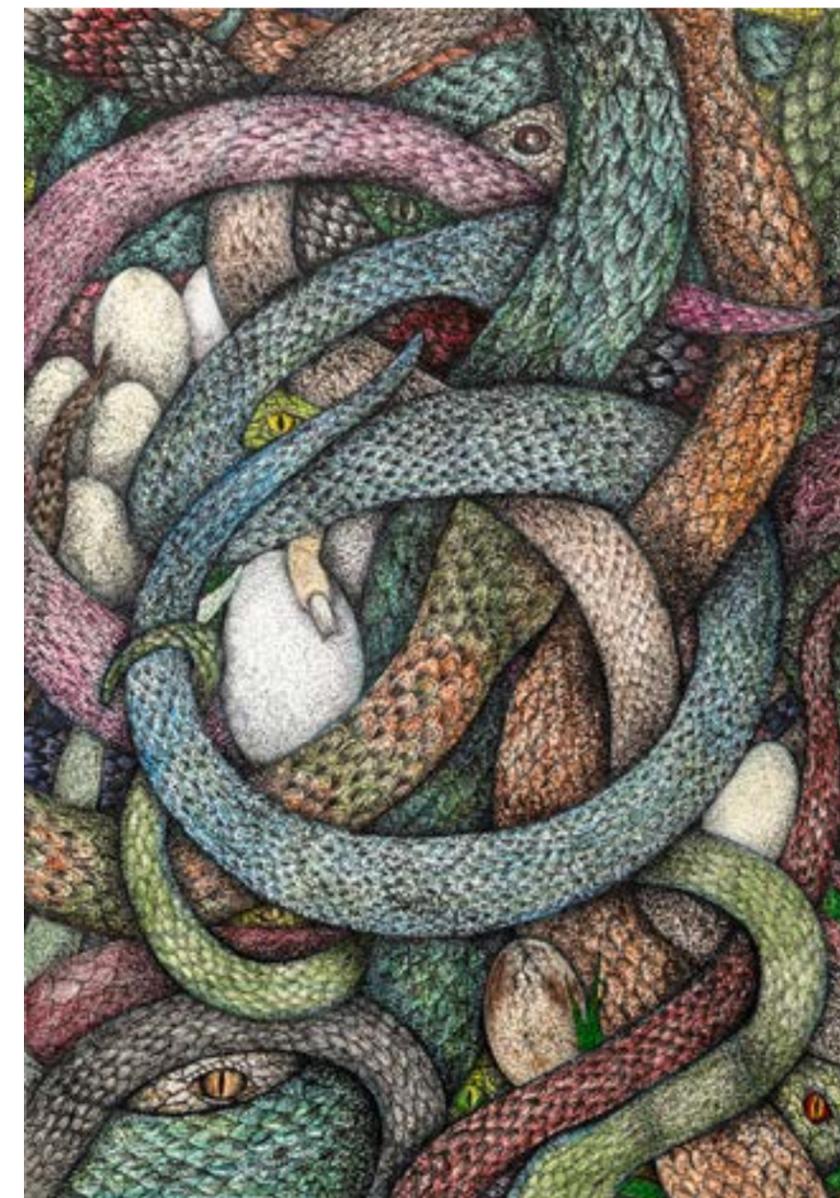
Além dessas ocorrências, entre diversas outras, eclode a aceleração incontrolável dos fatos, da informação alastrada de modo infinito e de desmedidas ações velozes, ao gerarem as mais profundas compressões e insuficiências do tempo e do espaço. Em meio a uma dessensibilização coletiva, é possível reconhecer das mais profundas mutações em nossas percepções diante das transformações do mundo, no que tangem a natureza, as culturas e, sem dúvida, o sentido e as operações da própria memória.

Em meio a esta extrema celeridade da vida, o artista Michel Zózimo (Santa Maria, 1977), dedica-se a uma invenção que se constrói a passos lentos, em meio ao espaço íntimo e silencioso do ateliê, em seu profundo recolhimento. Ali eclode um surpreendente contraponto frente à intensificação das mutações das culturas no mundo, em seu ritmo avassalador. Pois a meticulosidade, os detalhamentos e o perfeccionismo concentrados na invenção de cada obra à qual Michel se dedica alcançam dilatadas durações, as que podem até mesmo cumprir longos anos para serem concluídas. O tempo vivido neste processo artístico contrasta altamente com a explosão do caos temporal que se experiencia hoje na vida.

Na construção obsessiva e ininterrupta dos trabalhos artísticos de Michel, por um lado a partir de imagens extraídas do âmago de preciosas enciclopédias, ora de ciências, biologia, das ciências naturais, também de livros de ficção científica e da natureza - por outro, desde inúmeros catálogos de arte, estes oriundos de coleções de museus ao redor do globo, assim como do



“Notívagos, gorila com mamba negra”, Série “Livro Verde”, lápis aquarelável e nanquim sobre papel algodão, 40 x 30 cm, 2024, Michel Zózimo. Foto: Viva Foto



“Covil”, Série “Livro Verde”, lápis aquarelável e nanquim sobre papel algodão, 40 x 30 cm, 2024, Michel Zózimo. Foto: Viva Foto

próprio cinema em seus contornos ficcionais, projeta-se, neste contexto transdisciplinar, o perfil de um obstinado artista-pesquisador.

Em seu forte receio para nada perder dessas imagens preservadas, Zózimo tem consciência de que, com o tempo, elas tenderão a ser esquecidas, até mesmo apagadas da memória, diante das tantas inovadoras conquistas tecnológicas da sua construção e das mais recentes formas de sua difusão e modos de sua circulação digital.

Através de sua obsessiva e insaciável pesquisa de imagens, o artista idealiza um profícuo futuro e uma nova vida para elas. Rejeita qualquer descarte e os anunciados esquecimentos. Ele cria, frente a esses desenhos, uma outra memória, distanciada das crenças apocalípticas que se alastram pelo mundo e propõe uma fecunda vida ficcional para elas por meio da sua arte, em meio às conformações intrincadas e labirínticas de seus contornos. Algumas jazem umas sobre as outras, às vezes sutilmente escondidas ou retorcidas em meio aos desenhos. Aglutinam-se neles todos os seres, os da fauna, da flora e humanos, ao simularem seu incessante trânsito através dos espaços, em sua ameaça de explodi-los. Mesmo que por suas diferentes naturezas, formam eles, em seu conjunto, uma única mescla viva, aquela que na ficção do artista constrói o mundo. “A natureza vai tomando conta do observador, mas ela jamais irá acabar”, revela Michel, convicto de sua preservação. Podem mesmo, em sua ficção, transbordar para fora das obras, para além dos limites artísticos, porém jamais virá a ser destruída.



“Aristolchia Elegans”, Série “Livro Verde”, lápis aquarelável e nanquim sobre papel algodão, 40 x 30 cm, 2024, Michel Zózimo. Foto: Viva Foto

A um modo fortemente ecológico, a obra assume uma potência ficcional, porém esta é condição vigente ao longo de toda a produção de Michel Zózimo. Desde os trabalhos relativos às décadas de 1960-70 ele já as considerava o gérmen de um futuro latente, trazido por aspectos ficcionais marcantes, como uma atualização antecipada do momento presente, em sua perspectiva anacrônica. Foram significativos para o artista os princípios da ficção científica, as relações entre arte e ciência, o cinema nas promessas de Stanley Kubrick ou as revistas sobre a aterrissagem lunar. Interessava-se Michel pelos objetos da cultura pop, suas capas de disco e cartazes, assim como pelos materiais referentes ao rock psicodélico. Traziam sua carga utópica para um mundo que já prenunciava seus abalos frente a percepção do futuro, um “*no future*” tão evocado em muitas declarações dos artistas.

Zózimo revive esses princípios da arte de outrora, no que contrastam com a desilusão do presente. Sente, pelo ato inventivo, a vida fluir, entre as ambiências e as imagens que cria por meio das suas ficções, ao constituírem elas uma sempre inovadora memória do mundo. Estas constituem uma experiência de natureza estética, pois o dispositivo ficcional e prazeroso ocorre por autoestimulações imaginativas, isto é, cria e forma as imagens.¹ Neste processo, Michel considera a imaginação o cerne fundamental dos seus trabalhos ficcionais, um modo de respirar em meio às atmosferas densas do mundo, onde é expressa sua força vital. Ela opera nos trabalhos ao dar forma aos seus desejos, algo que se constrói,



“Guará”, Série “Livro Verde”, lápis aquarelável e nanquim sobre papel algodão, 40 x 30 cm, 2024, Michel Zózimo. Foto: Viva Foto

mesmo na simulação, como ele sempre acreditou. Esta vem a ser seu verdadeiro gérmen do futuro, onde o artista prioriza a ficção criada e, mais que tudo, a imaginação, a que desta se desdobra, a um modo ininterrupto, a extrapolar os catastróficos desenganos distópicos da nossa historicidade.

Pelo exercício de seu magnífico mundo ficcional através da arte, repleto de imaginação, eclodem essas possibilidades para reestruturar criticamente as experiências do próprio real e assim, quem sabe, de chegar a reinventar a vida, mesmo ao enfrentar arduamente, mas repleto de inventividade, a dramática desesperança reinante.

NOTAS

1 Marin Heidegger, em obra sobre Kant, 1981.

MÔNICA ZIELINSKY

Curadora independente, historiadora da arte e professora titular e permanente em história, teoria e crítica, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenou a catalogação da obra completa das gravuras de Iberê Camargo na Fundação Iberê Camargo (2000-2015). É doutora em Artes Plásticas pela Universidade de Paris I - Panthéon-Sorbonne sobre a crítica de arte contemporânea no Brasil. Foi consultora no International Center for the Arts of the Americas at the Museum of Fine Arts (Houston-Texas). Publicou, entre diversas outras, *Fronteiras: arte, crítica e outros ensaios*, (org.), UFRGS. (2003), *Iberê Camargo - Catálogo raisonné: gravuras / volume I* (org.), Cosac y Naify, (2006), *Helôisa Schneiders da Silva*.

Obra e escritos (org.), MARGS, (2010) e em um número específico sobre a História da Arte Brasileira, na *Revista Perspective*, do Instituto Nacional de História da Arte de Paris (2013), além de um texto no Catálogo *Les Choses, histoire de la nature morte*, no Museu do Louvre de Paris (2022).

Possui uma larga experiência curatorial, tanto no Brasil, como no exterior, tais como no Instituto Tomie Okthake (SP), Palácio da Artes (Belo Horizonte), Mostra inaugural da Fundação Iberê Camargo, Museu de Belas Artes de Bordeaux, França, entre muitas outras. Recebeu convites ainda para integrar diversos conselhos consultivos e com durações extensas, como no MARGS, Fundação Iberê Camargo, Santander Cultural, Editora da Ufrgs, FAPERGS, etc. Recebeu numerosos Prêmios Açorianos, o Gonzaga Duque da ABCA, entre outros.